



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE PEDAGOGIA

ITALO LUIS MAXIMIANO DA SILVA

LEITURA DE IMAGEM NA INFÂNCIA: contribuições das animações Disney para
a educação

Caruaru

2021

ITALO LUIS MAXIMIANO DA SILVA

LEITURA DE IMAGEM NA INFÂNCIA: contribuições das animações Disney para a educação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientador (a): Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo

Caruaru

2021

AGRADECIMENTOS

Meu enorme obrigado primeiramente a Deus que me permitiu chegar até aqui e à minha mãe que batalhou duro para que eu conseguisse estudar e me formar; agradeço a Santiago Lacerda por me ouvir e apoiar incondicionalmente não importasse a hora; agradeço a Paulo André Gomes pelo carinho e incentivo e por tornar tudo mais leve; Obrigado à minha irmã Andréa Melo que com toda sua bondade e carisma me proporcionou momentos de calma e paz de espírito nas vezes em que acreditei não ser capaz; obrigado à Marileide que me abriu os olhos para a magia da pedagogia; às minhas sobrinhas Millena Andréa Lopes e Marinna Ailza Lopes desejo sucesso sempre e agradeço pela companhia e amor incondicional todos os dias me incentivando e acreditando que tudo que eu estudava (e todas as teorias malucas também) sobre as temáticas que escolhi tinham relevância; obrigado às minhas amigas Ariadne Carneiro, Sueli Santos e Gesane Silva por estarem comigo durante toda a jornada da universidade e me fazerem rir nos momentos mais tristes e me ajudarem a levantar; agradeço a Thayná Sato e Caroline Muniz Leal pelo amor, companheirismo, lealdade e paciência nos dias de luta e dias de glória que a universidade proporciona, obrigado por entrarem de cabeça em todas as minhas ideias malucas (e me dar freio em muitas delas também), essa conquista é NOSSA meninas! Ter chegado até aqui, eu dedico também a vocês! As amo!!

*Às vezes o mundo parece estar contra você
A jornada pode deixar uma cicatriz
Mas cicatrizes podem se curar e revelam
justamente
Quem você é*

*As pessoas que você ama vão te moldar
As coisas que você aprendeu irão te guiar
E nada na Terra pode silenciar
A voz tranquila ainda dentro de você
E quando essa voz começar a sussurrar
“Moana, você chegou tão longe”
Moana, ouça
Você sabe quem é você?*

*Eu viajei mais longe
Eu sou tudo que aprendi e mais
Ainda assim, eles me chamam
E o chamado não está lá fora, está dentro de
mim
É como a maré
Sempre caindo e subindo
Eu vou carregar você no meu coração, você
irá me lembrar
Que seja como for
Eu sei o caminho
Eu sou Moana
(I'm Moana, Auli'i Cravalho, 2016,
tradução própria)*

**LEITURA DE IMAGEM NA INFÂNCIA:
CONTRIBUIÇÕES DAS ANIMAÇÕES DISNEY PARA A EDUCAÇÃO**

**IMAGE READING IN CHILDHOOD: DISNEY'S ANIMATIONS
CONTRIBUTIONS TO EDUCATION**

Italo Luis Maximiano da Silva¹

RESUMO

A presente pesquisa argumenta sobre como os filmes de animação da Disney contribuem para a educação na infância através da leitura de imagem. Buscamos entender como as imagens contidas nestas películas podem influenciar na construção da imaginação crítica tanto em infantis quanto em adultos partindo da premissa que na maioria das vezes estes filmes são utilizados apenas para fins de entretenimento. Seguimos por uma abordagem qualitativa onde analisamos três filmes do estúdio levando em consideração a abordagem de leitura gestáltica, semiótica, iconográfica e estética de Analice Dutra Pillar, coletamos os dados contidos nos filmes e elencamos como podem ser usados tanto em sala de aula quanto em casa, por pais e educadores. Os resultados apontam que os filmes trazem contribuições culturais, sociais e de gênero, entre outros, para um desenvolvimento melhor no que tange o autoconhecimento na infância, desta forma aliando arte e educação.

Palavras Chaves: Educação. Animações. Infância.

ABSTRACT

The present research argues about how Disney animated films contribute to childhood education through image reading. We seek to understand how the images contained in these films can influence the construction of critical imagination in both children and adults, based on the premise that most of the time these films are used only for entertainment purposes. We followed a qualitative approach where we analyzed three films from the studio taking into account the gestalt, semiotic, iconographic and aesthetic approach of Analice Dutra Pillar, we collected the data contained in the films and listed how they can be used both in the classroom and at home, by parents and educators. The results show that the films bring cultural, social and gender

¹ Graduando em Pedagogia - Universidade Federal de Pernambuco Centro Acadêmico do Agreste - UFPE CAA - Caruaru, Pernambuco.
Monitor de Inglês no Projeto de Extensão Pré-Acadêmico SuperAção da UFPE - CAA.
E-mail: italo.maximiano@ufpe.br

contributions, among others, for a better development regarding self-knowledge in childhood, thus combining art and education.

Keywords: Education. Animations. Childhood.

DATA DE APROVAÇÃO: 23 de Dezembro de 2021.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente com a imersão em tantos aparelhos e mídias digitais desde o berço, percebemos que as crianças perdem um pouco de seu processo imaginativo quando se trata de filmes e produções audiovisuais por falta de um auxílio pedagógico no simples processo de assistir. Amadas por muitos, as animações do estúdio Disney fazem parte da infância, adolescência e até fase adulta de muitas pessoas a nível global. Seus personagens carismáticos, suas histórias surpreendentes e narrativas emocionantes fazem deste estúdio o número um quando se trata de lazer e entretenimento.

Seria exagero dizer que a mágica da Disney tirou completamente o significado dos contos de fadas clássicos, contados pelos irmãos Grimm, por exemplo, e deram-lhes seu próprio significado. Mas não é exagero dizer que Walt Disney é um cineasta radical; ele mudou a maneira como vemos os contos de fadas e sua tecnologia revolucionária tirou proveito da inocência global. Mesmo assim, tais construções não são apenas passatempos em sua essência, estas animações são produzidas para também ensinar.

Giroux (2010) apresenta que a Disney faz mais que apenas prover entretenimento, ela também molda a maneira como crianças e jovens entendem a si mesmos, se relacionam com outros e experienciam a grande sociedade, em outras palavras, os filmes não contém apenas imagens que servem para fins de divertimento, estas obras tem conteúdos pedagógico inseridos de forma sutil - ou não - para trazer tópicos cotidianos ao olhar de quem os assiste como nos diz Giroux (1999): “a importância dos filmes de animação da Disney como um local de aprendizagem é intensificada pelo amplo reconhecimento de que as escolas e outros locais públicos são cada vez mais afetados por uma crise de visão, propósito e motivação” (p. 84).

Percebemos então a necessidade de promover o processo imaginativo como uma importante dimensão para o desenvolvimento da imaginação crítica na educação infantil

através da leitura de imagem pois, culturalmente, os filmes de animação são utilizados apenas para fins de entretenimento quando possuem potencial maior. A carência da imaginação crítica desde a infância acarreta indivíduos que amadurecem sem conseguir formular um pensamento autônomo, influenciando no lapso de personalidade. Deste modo, a infusão de estratégias de pensamento crítico é um alicerce positivo porque, como afirmam Tenreiro-Vieira & Vieira (2000), contribui para o desenvolvimento de habilidades e uma melhor compreensão do conhecimento científico, pois o uso dessas habilidades requer domínio dos sujeitos, desta forma, também tem um impacto maior no desempenho dos alunos.

Os filmes escolhidos para análise de suas contribuições para este artigo foram escolhidos a partir de seus caracteres inovadores para os momentos históricos vivenciados pela sociedade em suas estréias, são eles *A Pequena Sereia* (1989), *Enrolados* (2010) e *Moana* (2016). Acreditamos que as três películas são marcos históricos em suas épocas de lançamento e trazem contribuições para o âmbito escolar e familiar se trabalhadas de forma pedagógica e orgânica para incentivar o aprendizado, estimular o processo imaginativo e atingir a formulação do pensamento crítico.

A Pequena Sereia conta a história de uma sereia de 16 anos que sonha em conhecer o mundo acima do mar e consegue através de uma barganha injusta com a chamada “bruxa do mar”, apesar de todos os esforços de seu pai, rei dos mares, para protegê-la e a impedir de alcançar seu objetivo. Ainda que um filme infantil, a pequena sereia traz à tona todo um mundo onde o jovem tem poder sobre suas tomadas de decisões, mas também precisa ter consciência das consequências advindas dessas. Embora muitas vezes confundida com apenas uma mulher sem muito propósito e à procura “cega” de um príncipe, *A Pequena Sereia* traz em sua narrativa o discurso de apresentar à sociedade, e em específico o público infantil, “os custos, prazeres e riscos do acesso ao mundo adulto” (Bell, Haas, Sells. 1995, p. 76).

Observamos que o filme *Enrolados*, do mesmo estúdio, se assemelha à *Pequena Sereia* por sua visão dentro e fora do contexto familiar à partir de uma princesa sequestrada por uma bruxa, cheia de ganância pelos poderes mágicos no cabelo da criança, e que é mantida presa, isolada do mundo, em uma torre no meio da floresta, criada como se fosse filha da sequestradora; até que um ladrão acidentalmente encontra a torre

e “decide” ajudar a jovem chamada Rapunzel a alcançar seu sonho de ver as “luzes flutuantes”.

Assim, em meio a comédia, perseguições e belas músicas, Enrolados traz à tona um olhar voltado para a obediência, o altruísmo e busca da realização de sonhos; quais os percalços existentes na descoberta do “mundo real”? Considerando que as identidades das crianças e suas representações são produzidas por palavras sobre elas, “as representações sociais da infância são na e moldadas pela linguagem” (Cechin, 2014, p. 253), sendo assim o contexto familiar representado nestas animações tem como objetivo doutrinar a obediência, submissão e respeito às figuras parentais e/ou de autoridade; imagem e linguagem tem um papel importante na construção do ser, principalmente na infância, conseqüentemente, as animações trazem ambos atrelados a uma narrativa empolgante e intrigante que pretende prender a atenção de quem assiste para assim fazer os papéis de entreter e lecionar de forma direta e indireta. Para fundamentar destacamos o que diz Sabat (2000):

De modo algum compreender a mensagem linguística como fixadora significa que ela desempenhe efetivamente esta função; afinal a presença do texto ou da legenda não anula toda a rede de significados culturais que a leitora e o leitor trazem consigo, impedindo-a/o de fazer inferências que podem ir além da tentativa de fixar sentido pela palavra. Ao mesmo tempo, aceitar a possibilidade de que a palavra pode fixar os significados de uma imagem é afirmar que há entre elas uma relação direta de correspondência, ou seja, é afirmar ser possível através de palavras traduzir uma imagem em todas as suas dimensões. Sendo texto e imagem linguagens diferentes, a única relação possível entre eles é de articulação, de complemento ou de justaposição, mas nunca de substituição (SABAT, 2000, p. 13)

Em um contexto inovador, Moana traz uma princesa com formas mais robustas (comparada a silhueta geralmente utilizada pelo estúdio), pele escura, cabelos crespos, ausente de vestidos glamurosos e brilhantes, sem castelos nem príncipes e fadas madrinhas, porém a personagem que dá nome ao filme conta com um forte senso de autoconfiança, coragem e ímpeto de se reconhecer em meio a todas as atribuições de seu povo. Este novo olhar sobre a chegada da idade adulta e suas responsabilidades pode provocar nos espectadores, em geral o público infantil, um olhar reflexivo para si. Qual seu papel diante do contexto e cultura que vive? Quais os prós e contras de seguir seus sonhos? Mesmo renovadora, esta obra cinematográfica ainda se encontra atrelada ao modelo “conto de fadas” criado e globalizado pelo estúdio Disney, como traz Kesting (2017):

A maioria dos contos de fadas é definida por um enredo utópico em que a realização de um sonho dá o tom à narrativa. Marcado pelas proezas improváveis de um personagem desfavorecido sob qualquer circunstância, os contos de fadas transmitem a ideia de que qualquer um pode realizar os seus sonhos, seja ele qual for. Essa característica é o que também define praticamente todos os filmes da Disney. O próprio Walt Disney parece ter se aproveitado (ou se iludido) desse componente e transformado sua trajetória em um enredo digno dos melhores contos maravilhosos. Com o tempo, a marca e a empresa que ele criou se tornaram indissociáveis da ideia de um lugar “onde os sonhos se tornam realidade”; principalmente por meio de atributos mágicos ou fantasiosos. (KESTERING, 2017, p. 76)

A leitura de imagem faz parte do processo natural dos seres humanos, porém não está diretamente ligada à uma condição para ver ou assistir. O processo de leitura de imagem, por si só, e dependendo de quem o faz, pode ser complexo. Não basta ver a imagem, de forma literal, faz-se necessário senti-la e, em alguns momentos, inferir sobre ela. Ler uma imagem não é uma atividade singular e/ou universal pois conta com a apreciação e julgamento de cada indivíduo. Ler uma imagem é entendê-la, explicá-la, descrevê-la e decompô-la para aprendê-la como um objeto reconhecido. Ao contrário do texto, as imagens fornecem uma quantidade ilimitada de leitura devido às relações implícitas por seus elementos (PILLAR, 1993).

Chegamos, portanto, ao objetivo deste artigo que visa compreender como a leitura da imagem dos filmes de animação Disney pode contribuir para a educação, e para atingir o propósito, os objetivos específicos se dão entorno primeiramente de interpretar o uso da imagem nas animações Disney e por segundo, aconselhar quais leituras podem ser realizadas e apontadas no cotidiano escolar e quais podem ser indicadas no ambiente familiar - frisando que ambas não estão dissociadas mas sim, articuladas. Eventualmente, compreender como se dá a leitura de imagem das animações sobre contos de fadas é essencial para refletir e interpretar os temas, personagens e estéticas recorrentes e suas contribuições culturais nos filmes a serem analisados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Imagem e Infância

“Através da leitura da arte podemos nos expressar, entrar em um momento de reflexão sobre nós mesmos e

como nos projetamos para o exterior.” (Monique Deheizelin²)

Entre os anos de 1987 e 1993, em São Paulo, foi criada e experimentada a Abordagem Triangular³ na rede municipal de ensino que tinha como objetivo levar conhecimento sobre arte e cultura para as crianças através de reproduções de obras de artes e visitas ao museu; comandado por Analice Dutra Pillar e Denyse Vieira (1992) foi realizada uma investigação com crianças do ensino fundamental e médio que utilizava vídeos e imagens fixas para introduzir a leitura de imagens e o resultado demonstrou que as crianças que tiveram acesso a esses recursos apresentavam avanços maiores (tanto em suas criações artísticas como em suas falas sobre arte) do que aquelas que não tiveram.

A leitura de imagem vem neste sentido trazendo um olhar contrário à forma primitiva de ensinar e alfabetizar. Não se faz necessário aprender a palavra para começar a ler. A leitura se inicia muito antes de começarmos até a falar; a percepção do mundo a nossa volta, nossas interpretações e inferências do/e no exterior e a forma como enxergamos o campo onde estamos inseridos traz elementos básicos e necessários da leitura prévia da palavra, “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2003, p.20).

Logo, é na infância que se inicia o processo de “leitura” e, atualmente, este processo se inicia cada vez mais cedo dada a facilidade do acesso às mídias digitais, as animações televisivas e os programas infantis que possibilitam as crianças passarem horas em frente à uma tela, apenas absorvendo imagens e movimentos de seus heróis e heroínas favoritos deixando de lado toda a produção cultural e formativa que vem acoplado nestas películas.

O mundo da leitura crítica e a leitura de imagens têm muitas relações e ambos proporcionam oportunidades de diálogo na escola. Os educadores não falam mais para os

² Doutora em Psicologia e Educação pela Universidade de São Paulo (2013), Mestre em História e Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (1995), e Bacharel em Física pela Universidade Federal da Bahia (1976), há 30 anos está engajada em atividades educacionais, artísticas e editoriais, com ênfase na elaboração de propostas curriculares e formação de professores da educação básica

³ A Abordagem Triangular consiste em três abordagens para se construir conhecimentos em arte: Contextualização histórica (conhecer a sua contextualização histórica); Fazer artístico (fazer arte); Apreciação artística (saber ler uma obra de arte).

alunos, mas começam a falar com eles como nos trazem Faber *et al.* (2005), Morales (2006) e Lopes (2017), nesse tipo de prática de ensino, os educadores devem compreender o nível de compreensão do mundo dos alunos e o nível de compreensão estética.

A alfabetização de Freire vai além do simples ato de ler e escrever, pois proporciona aos alunos uma leitura crítica do mundo. Para Freire, antes mesmo de aprender a ler e escrever palavras e frases, já estamos lendo o mundo que nos cerca, para melhor ou para pior (2003, p. 71). Para entender, interpretar, julgar a arte e o mundo e dar-lhes um novo significado, precisamos entendê-los. Somente por meio de comportamentos reconhecidos na ação é que a consciência que Freire defende é possível. Portanto, a leitura aqui não é apenas no sentido de considerar os objetos artísticos, mas também em uma abordagem mais ampla, incluindo a interpretação. Pillar (1993, p. 01, grifo nosso) nos apresenta quatro formas, dissociadas ou não, de ler a imagem:

Leitura gestáltica: procura considerar elementos da linguagem visual como linha, plano, relevo, textura, volume, cor, luz, dimensão, escala, proporção etc. Tais elementos são considerados em separado e no todo da forma quanto a equilíbrio, movimento, ritmo, repetição. Pode-se observar, também, o modo como tais elementos estruturam o espaço e as formas e o que esta organização expressa visualmente.

Leitura semiótica: Enfoca signos, símbolos e sinais presentes na imagem. A análise abordaria os sistemas de símbolos e de signos construídos pelo sujeito como um texto visual em remissão a outros textos visuais, uma imagem em relação a diferentes autores e épocas. Esta relação intertextual é um modo de criar, de inventar, de construir imagens que citam outras imagens.

Leitura iconográfica: procura estudar conteúdo temático, significado das obras de arte como distinto de sua forma. O tratamento dado aos temas poderia ser apreciado em diversos artistas e épocas.

Leitura estética: considera a expressividade, o que há de “eterno” e de transitório, de circunstancial, de uma época no objeto a ser analisado. Através da cor, luz, formas, destaca-se a disposição destas formas no espaço e no modo como os elementos se relacionam. A leitura estética procura saborear a imagem de modo cognitivo e sensível.

A leitura de imagem é um processo que, apesar de complexo, é ensinado e enraizado como automático; é na infância que se desenvolvem os campos cognitivos e sociais e iniciam os primeiros ensinamentos sobre imagem, pintura, arte e outras formas de cultura visual, todavia não há instituído um meio pedagógico para ensinar a “ler além” tornando o momento superficial.

A leitura estética, baseando-nos na definição de Pillar (1993), é comumente utilizada durante a contemplação de filmes de animação e nela podemos enxergar que é

a forma mais “imediate” de resposta frente a explosão de informações contidas nessas películas. O desenvolvimento psicológico é vital para a ampliação intelectual e o crescimento das crianças depende de sua percepção do mundo ao seu redor; nos tempos atuais a mídia em massa é um elemento por meio do qual as crianças constroem conhecimento e experiência e, eventualmente, formam sua própria identidade.

A socialização das crianças, sendo embora um conceito relativamente recente, remete para uma realidade que é tão antiga como as sociedades humanas. Consiste no processo através do qual os indivíduos aprendem, elaboram e assumem normas e valores da sociedade em que vivem, mediante a interação com o seu meio mais próximo e, em especial, a sua família de origem, e se tornam, desse modo, membros da referida sociedade (SARMENTO, 1997, p. 45)

Durante o desenvolvimento do conceito de sociedade na infância, se dá a construção do pensamento, do raciocínio e das habilidades crítico reflexivas, sendo o último prejudicado pela avalanche de conhecimentos técnicos inseridos no cotidiano das crianças. É fácil de observar como as crianças estão abarrotadas de atividades que preenchem seu dia, mas que não trazem avanços significativos para seu raciocínio crítico, tudo é pensado e simetricamente organizado para elas. O criar, refletir, tem sido um aspecto escasso em nossa sociedade uma vez que se exige mais horas de trabalho dos adultos, mais tempo fora de casa e assim, menos tempo para incentivar seus filhos e parentes; nesse sentido as animações da Disney trazem valores, crenças e um senso de identidade imbuídos num mundo “repleto de fantasia, tapetes voadores e sapatinhos de cristal” (BINKLEY, 2016, p. 12).

2.2 Imaginação repensada

“Infância como possibilidade é extraordinariamente positiva: dela pode devir qualquer coisa; dela, quase tudo pode ser” (Walter Kohan⁴)

Ao falar sobre imaginação e como esta parece estar ficando perdida entre tantas mídias digitais e *gadgets* que até pensam por nós, percebemos a necessidade de tratar sobre os benefícios da promoção precoce deste tipo de pensamento; através da imaginação crítica “os espectadores são incentivados a aproveitar seus recursos culturais

⁴ Walter Omar Kohan é professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Cientista de Nosso Estado (FAPERJ) e Procientista (UERJ). Publicou mais de 50 trabalhos em periódicos especializados em vários países e publicou ou organizou mais de 50 livros. Coordena desde 2007 o Projeto de Extensão em Escola Pública (“Em Caixas a Filosofia em-caixa?”, UERJ/FAPERJ) e Projetos de Pesquisa Interinstitucionais junto a Universidades Nacionais e Internacionais.

e experiências de vida enquanto desconstróem, debatem, resistem e reimaginam narrativas dominantes” (Kellner, Share, 2007, p. 63) e nesse sentido as animações dos estúdios Disney, entre outros, acompanham crianças de todo o mundo na maior parte de sua infância.

Henry A. Giroux em seu livro *The Mouse that Roared* (1999) traz, em poucas palavras, uma Disney que se percebe muito maior que apenas produtora de turismo, entretenimento e consumo; seus criadores e produtores veem a empresa como uma arma política, pedagógica e cultural. A partir do momento em que o estúdio encontra a fórmula eficaz dos contos de fadas ele consegue disseminar ideais de cultura, comportamento e discursos políticos dentro dos lares e escolas.

Podemos entender como as sociedades democráticas reafirmam a primazia de uma política progressista e não dogmática por meio da análise da educação e da agência. Tal análise sugere a necessidade de compreender como a cultura molda nossa vida cotidiana. A cultura constitui um princípio definidor na luta pelo significado. Identidade, práticas sociais e maquinários institucionais de poder, uma luta que pode ser travada inserindo o pedagógico no político e expandindo o significado do pedagógico, reconhecendo a "força educacional de toda a nossa experiência social e cultural (como uma) que ensina ativa e profundamente " (GIROUX, 1999, p. 65)

Desta forma, compreender a força da imaginação e a importância de torná-la fundamental para o pensamento crítico se dá na hipótese da construção de uma sociedade que entenda seu poder, deveres e direitos de forma mais eficaz. A imaginação dos infantis é algo discutido por inúmeros autores, porém neste artigo nos deteremos ao seu âmbito crítico formador onde os infantis deveriam ser ensinados a exercitar os valores exibidos nos filmes que assistem pois estes “incentivam sua adultização a fim de que logo cumpram seu destino e façam suas potencialidades se tornarem realidade, por meio da imitação dos padrões aprendidos” (SILVA, 2008, p. 49).

Infelizmente, no cenário escolar atual, ainda falta um olhar voltado para a imaginação crítica durante a evolução educacional das crianças. Terneiro-Vieira traz que na verdade, as estratégias de ensino, as atividades de aprendizagem e os materiais do curso comumente usados pelos professores em sala de aula estão de acordo com o método baseado na transferência de conhecimento (2004, p. 03). Quanto à estratégia, parece que o privilégio está centrado nos professores. As aulas teóricas são geralmente conduzidas pelo professor que fornece as informações. O professor dá aula e os alunos ouvem passivamente a aula e fazem anotações para recitação; sendo assim os alunos acabam por se tornar meros reprodutores dos conteúdos propagados. Ainda em Terneiro-Vieira (2004,

p. 03) a autora nos diz que muitas das habilidades que os alunos precisam desenvolver envolvem habilidades de pensamento crítico, como observação, encontrar semelhanças e diferenças, formular perguntas e problemas, planejar e conduzir investigações adequadas e tirar conclusões e comunicar-se com elas com base nos dados obtidos. Sendo assim percebemos que os filmes de animação, em especial os da Disney, tem relevância tanto para o ambiente familiar quanto para o cotidiano escolar e que são um alicerce pedagógico se utilizados para fins específicos; “a vida que a Disney ventila nas mentes dos nossos jovens frequentemente serve como um senso de criatividade fabricado. Películas Disney ensinam crianças como construir sua identidade” (WOHLWEND, 2012, p. 06).

3. Legitimação dos Contos de Fadas

“Todos os nossos sonhos podem se tornar realidade se tivermos a coragem para persegui-los” (Walt Disney⁵)

A cultura faz parte do nosso cotidiano quase que de forma “invisível”; somos ensinados a fazer uso de várias facetas e, ao longo do nosso cotidiano, assumimos diferentes papéis para as mais diversas situações levando em consideração o tipo de sociedade, ambiente e cultura que estamos inseridos. Para a infância, construir esta autonomia depende das inferências do mundo exterior e os exemplos que lhe são apresentados levando assim ao objeto de estudo desta pesquisa; os filmes de animação da Disney tem um poder midiático, ilusório e prazeroso em suas produções e marketing disponível (parque, alimentos, roupas, brinquedos e jogos) e consegue alcançar todos os públicos pois, após algum tempo, “os longa metragem que são exibidos no cinema passam a ser exibidos nos canais aberto de televisão, atingindo assim toda a sociedade” (SILVA, 2008, p. 14). Ainda em Silva, “a Disney apresenta personagens com características que se pretendem universais, o que a torna uma referência para espectadores/as de diversas partes do mundo” (SILVA, 2008, p. 35) e assim consegue “impor” um padrão cultural a ser seguido.

O “padrão” Disney de disseminar contos de fadas estabeleceu-se como universal tornando o estúdio em uma das “maiores e mais lucrativas empresas do mundo”

⁵ Produtor cinematográfico, cineasta, diretor, roteirista, dublador, animador, empreendedor, filantropo e cofundador da The Walt Disney Company.

(RIBEIRO, 2021)⁶; à frente dessa grandiosidade estão a mistificação da inocência, da pedagogia e da cultura como alicerce para alcançar diferentes públicos e gêneros. Bell, Haas e Sells (1995, p. 46-47) definem uma Disney politicamente e socialmente consciente do seu poder quando diz que o “maravilhoso mundo da Disney é mais que um logotipo; o poder da Disney e seu alcance na cultura popular combinam uma brincadeira despreocupada e a fantástica possibilidade de realizar sonhos de infância [...]” explicando assim a facilidade dos infantis de se apaixonar por suas películas; Giroux (1999, p. 84) afirma que “ficou claro que estes filmes fazem mais que entreter. Desnecessário dizer, filmes animados operam em vários registros, mas o mais persuasivo é o papel de novas máquinas de ensino que eles têm” sendo assim, apesar de ter consciência do seu patamar dentro da cultura popular, o estúdio não deixa de se preocupar com a qualidade irrefutável de suas produções – estética e pedagógica – para os infantis.

Apesar de ser uma empresa voltada para o entretenimento observamos em todas as suas produções a preocupação com o público que irá assistir os filmes. Percebemos um cuidado especial com os diálogos, as imagens e cenas, os pequenos detalhes na mudança de cenário, de cores e jogo de câmera, da construção do enredo até os créditos finais; todas essas obras, para além de auxiliar na construção e difusão da cultura popular, contam com um contexto pedagógico onde pretendem distribuir sua mensagem a milhares de crianças a ponto que os efeitos psicológicos são impressionantes quando se trata de como este “poderoso conglomerado afeta os valores sociais das crianças e deve ser algo que seja levado em consideração ética pelos telespectadores [...]” (BINKLEY, 2016, p. 15); dessa forma enxergamos as contribuições e o impacto que o estúdio de animações Disney têm sobre o público infantil e sua construção social e cognitiva.

Os contos de fadas, sejam eles os criados pelos Irmãos Grimm⁷ ou os adaptados para o cinema pela Disney tem o poder de encantar comunidades e, a partir deste carinho especial criado entre telespectador e obra, propagar os modelos ocidentais de cultura e gênero impregnando seus conhecimentos, costumes e expressões dentro das mais diversas casas e escolas.

As crianças aprendem com os filmes da Disney, então talvez seja a hora de pais e educadores prestarem mais atenção ao que esses filmes dizem. Percebo

⁶Disponível em: <<https://investnews.com.br/cafeina/de-disney-a-apple-as-10-marcas-americanas-mais-valiosas-de-2021/>>. Acessado em 18/11/2021.

⁷ Irmãos Grimm são dois irmãos alemães que entraram para a história como folcloristas e também por suas coletâneas de contos infantis. Os irmãos reivindicaram a origem alemã para histórias conhecidas também em outros países europeus – como Chapeuzinho Vermelho, registrada pelo francês Charles Perrault, bem antes do século XVII. Dilva Frazão, 2020. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/irmaos_grimm/>. Acessado em 18/11/2021.

que isso é heresia, especialmente em um momento em que as crianças estão sendo submetidas a uma violência cada vez maior nos sucessos de bilheteria de Hollywood, videogames e outras formas comerciais de entretenimento. mas, embora os filmes da Disney não promovam a violência que se tornou central em muitas outras formas de cultura popular e de massa, eles transmitem mensagens culturais e sociais que precisam ser examinadas (GIROUX, 1999, p. 85)

As histórias narradas, os/as personagens, a trilha sonora e outros elementos que compõem um filme têm influenciado toda uma geração de pessoas, “cuja formação não pode ser dissociada do cinema” (TEIXEIRA, 2005, p. 03) motivando assim a oportunidade de tornar o momento de assistir esses filmes também pedagógico uma vez que filmes que atingem o grande público reconstruem as memórias nacionais de maneira bastante particular pois eles, “sob a rubrica da diversão, do entretenimento e da fuga” (GIROUX, 1995, p. 136), investem os sentidos que atingem uma grande multidão; dessa forma compreendemos como os diferentes sujeitos são narrados nos filmes da Disney, já que o cinema produzido por este estúdio “possui o poder de criar narrativas com sentido de universalidade” (FABRIS, 2000, p. 260-261).

Não pretendemos aqui diminuir os estudos individuais já existentes sobre cultura e infância, mas percebemos o peso que uma tem dentro da outra assim como nos apresentam Schaefer e DiGeronimo (2000) onde “cultura popular é uma das maiores fontes de informação pedagógica que uma criança pode receber” reafirmando assim a importância deste artigo. Desde os padrões estéticos das princesas Disney até as belas cenas de ação dos filmes Carros, tudo é pensado milimetricamente para entreter e passar uma – ou várias – ideologia/s; a partir dos filmes escolhidos, já citados, vislumbramos que para além de uma análise individual, formam uma tríade cronológica na história do feminismo e nesse sentido, antes de continuarmos à análise, cabe aqui um recorte sob esta ótica.

3.1 A imagem feminina nos filmes da Disney

“Uma pesquisa na área das ciências sociais e humanas nasce a partir de uma curiosidade científica, que surge ao se olhar uma realidade e suas contradições” (Allene Carvalho Lage⁸)

⁸ Pós-doutora em Direitos Humanos pelo PPGDH/UFPE (2016). Pós-doutora em Educação na UFRGS (2012). Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra (2006). Mestra em Administração Pública pela Fundação Getulio Vargas - RJ (2001). Graduada em Administração - Faculdades Integradas Anglo Americano - RJ (1993). Professora Associada da Universidade Federal de Pernambuco, desde março de

As películas escolhidas para este artigo apresentam uma característica ímpar em sua relação com a leitura de imagem e a infância: as três abordam visuais e apontamentos sociais diferentes em suas heroínas baseados nos modelos culturais da sociedade de sua época de lançamento acompanhando um pouco o cenário feminista a partir de seu surgimento como nos diz Appolinário e Gonçalves (2020) “Desde os primeiros indícios de sua presença no cenário político internacional, o ideal feminista teve momentos de maior e menor destaque, perdendo ou ganhando mais visibilidade e aderência dependendo do tempo e espaço”. Nesse sentido, tendo em vista o apelo universal de seus filmes e a adesão ao desenvolvimento cultural e social, a Disney foi remodelando suas heroínas de forma a trazer melhores identificações do, e com, o público tanto infantil quanto adulto.

Durante o período anterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a mulher ocidental possuía como papel fundamental o ideário de ser dona de casa, cuidando de sua família. O lugar da mulher era, portanto, restrito ao âmbito privado. [...] Após este período, houve o gradativo aumento da disseminação da corrente feminista no Ocidente, possuindo como principal ideal a igualdade nas relações de gênero, no espaço político, no mercado de trabalho e no âmbito das relações privadas. Ann Tickner [...] identifica uma maior disseminação do movimento feminista a partir da década de 1990, quando há também um maior desenvolvimento teórico do feminismo principalmente em países do Norte, como nos Estados Unidos (EUA). (APPOLINÁRIO & GONÇALVES, 2020, p. 04)

Assim, percebemos nos filmes escolhidos para esta pesquisa que os três trazem perfis singulares da mulher e seu papel levando em consideração seu reflexo na sociedade. Vemos em *A pequena Sereia*, lançado em 1989, uma heroína rebelde que ao contrário de suas irmãs que são submissas à figura imponente e masculina do pai – Rei dos mares Tritão – sonha em conhecer o mundo da superfície e, mesmo ciente de todos os perigos contados pelo povo do mar, faz pequenas viagens ao lar de uma ave excêntrica que diz conhecer os costumes dos humanos. Ariel (a pequena sereia) representa uma mulher rebelde, inconsequente e que luta para alcançar seus sonhos colocando um pino histórico nos filmes Disney que “deixaram as princesas de lado durante décadas. Em meio à chamada “segunda onda feminista”, o público não teria interesse em uma bela donzela à espera de seu príncipe encantado (BREder, 2013, p. 32). Após reutilizar a fórmula com outras princesas como Bela (*A bela e a Fera*, 1991) e Jasmine (*Aladdin*, 1992), entre outras, a Disney iniciou um discurso mais incisivo sobre o papel da mulher e como esta pode se comportar dentro dos ambientes até então ditos, masculino.

É *Mulan* (1998), disfarçada de Ping, que levanta a moral de sua tropa [...] O filme discute abertamente como se espera que as mulheres tenham

determinado papel enquanto os homens ocupam outro. E também questiona esses papéis, mostrando uma heroína muito mais capaz do que seus companheiros homens [...] ao contrário do que acontece nos outros filmes, a “princesa” aqui não deve ser uma flor delicada, mas é incentivada a se comportar como um homem, a lutar. Apesar disso, Mulan não perde sua feminilidade e, em sua luta final contra o vilão, é salva por um leque. (BREDEDER, 2013, p. 38)

Seguimos então ao lançamento de Enrolados, em 2010, onde a Disney apresenta uma princesa que é raptada e criada como filha de uma bruxa que se passa por sua mãe; Rapunzel, a heroína, representa uma mulher ainda de corpo delicado, dona de casa, bem feminina, porém com traços muito mais emponderados em suas atitudes. Apesar da submissão, dessa vez não a uma figura masculina mas à sua “mãe” – vale ressaltar que esta relação é visivelmente mais de respeito que de medo – Rapunzel luta, corre, pula e aceita desafios que uma vez pareceriam impossíveis a uma figura frágil e bela; apesar da constante destruição de sua autoconfiança por sua “mãe”, Rapunzel consegue sair da torre acompanhada da figura masculina de Flynn Rider porém ainda se sente presa a todo o respeito e confiança que tem na mãe dizendo que é uma “filha terrível”. Ao contrário do que podíamos ver nos outros filmes, dessa vez, a figura que tenta esconder e diminuir a princesa é a figura madura e bela de outra mulher.

Um aspecto interessante do filme é que Gothel, sempre que acaricia Rapunzel, passa a mão pelos seus cabelos, puxa o cabelo para frente de seu rosto. Já Flynn, conforme começa a gostar da moça, sempre tira o cabelo de seu rosto [...] os gestos mostram um claro contraste de como Gothel quer apenas usar os poderes de Rapunzel e só se preocupa com o cabelo, enquanto Flynn enxerga e se importa com a pessoa (BREDEDER, 2013, p. 41)

Em Moana, lançado em 2016, vemos um giro de 180° na figura estética da mulher; cabelos crespos, formas robustas, pele escura e até a voz é mais imponente e grave. Durante suas canções, Moana apresenta um forte desejo de desbravar o mundo através do mar porém a cultura de sua ilha, comandada por seu pai, é de nunca ir para o mar aberto. Vemos neste caso uma mulher mais emponderada, que enfrenta a figura masculina, que impõe suas vontades e que não tem medo de perseguir seus desejos e anseios.

A personagem pode ser definida como “exploradora” ou “aventureira” por desejar conhecer novos lugares, principalmente o mar aberto e por desafiar os padrões sociais previamente estabelecidos por ser filha do chefe da tribo. É possível relacionar esse comportamento apresentado com o cenário internacional do período em que o filme foi lançado, no qual mulheres passaram a ter mais autonomia para se deslocarem geograficamente (APPOLINÁRIO & GONÇALVES, 2020, p. 15)

Enfim, percebemos o cuidado ao longo dos anos dos estúdios Disney de acompanhar o cenário político e cultural e universalizar a cultura ocidental além de perpetuar formas de agir, pensar, vestir e enfim, consumir.

4 METODOLOGIA

O objetivo deste texto centrou-se na análise de como as animações do estúdio Disney podem auxiliar na educação infantil através da leitura de imagem, nos ambientes domiciliar e escolar. Buscando a construção precoce de uma imaginação crítica, a análise da leitura de imagem das películas escolhidas se deu baseado no sistema de Analice Dutra Pillar, supracitada no referencial teórico deste artigo e as contribuições que surgiram desta análise foram tratadas de forma qualitativa fundamentadas em Minayo (1999, p. 16) que diz que entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade buscando melhor relacionar teoria e bibliografia, assim, trouxemos um quadro explicitando as contribuições que cada película traz para a educação nos ambientes familiar e domiciliar após as discussões acreditando esta ser a forma mais hábil de complemento dos conteúdos. Os filmes escolhidos para análise são A Pequena Sereia (1989), Enrolados (2010) e Moana (2016) pois os três fazem parte de diferentes períodos históricos, tanto para o público-alvo quanto para o estúdio, porém mesmo sendo de épocas distintas permanecem fazendo sucesso e vivos nas memórias de adultos e crianças e trazem contribuições pedagógicas que podem ser vistas como universais através dos tempos.

5 ANÁLISE DE DADOS

Analisamos os filmes escolhidos – não apenas assistindo-os mas desfrutando-os – nos atentando as discussões levantadas pelos teóricos e absorvendo os conteúdos que emergem das falas, gestos, cores, emoções, canções e ações. Percebemos que, com um olhar voltado para a leitura de imagem, guiados pelos quatro conceitos levantados por Analice Dutra Pillar – já citados nesta pesquisa – pontuamos conteúdos que podem contribuir com a educação, construção da imaginação crítica e reconhecimento do eu, tanto para crianças como para adultos. Infantis vão definindo suas identidades à medida que “são constantemente construída e reconstruída” através daquilo a que são expostos

dentro de sua cultura (Collier, 2014, p.04), neste sentido sendo a Disney uma empresa de alcance global, não só por seus filmes, mas também por seu merchandising, podemos inferir que as crianças estão mais que suscetíveis aos conhecimentos que essas películas trazem.

5.1 Aqui no mar

Durante a exibição do filme *A Pequena Sereia* analisamos as leituras de imagem Gestáltica, Semiótica, Iconográfica e Estética – ainda baseados nas definições de Analice Dutra Pillar - e percebemos que no que tange a leitura gestáltica o uso de cores, linguagem corporal e textura são bastante utilizados, em exemplo quando as cenas são de músicas alegre o cenário muda para cores vivas, vibrantes, há muita textura que remete ao fundo do mar, mas em contrapartida, quando a música é triste ou melancólica, exemplarmente na canção “Parte do seu mundo”, os tons de azul e preto sobressaem em toda paisagem; a partir da leitura semiótica vislumbramos uma atenção redobrada aos contornos do corpo da sereia Ariel, a simbologia que os animais falantes trazem, a simbologia marcante da vilã sendo um polvo ao invés de também uma sereia; trazemos à luz também, ainda dentro da leitura semiótica o exemplo de família e autoritarismo que encontramos na família da pequena sereia – sete filhas, um pai – onde o pai adota uma postura rígida com a sereia para só no fim do filme ele se moldar e compreender onde estava sua falha.

Passamos então a leitura iconográfica no que a Disney eleva o mundo da animação a outro patamar quando foge do convencional (mundo acima do mar) e adentra em um ambiente desconhecido (fundo do mar) nos ensinando como seriam seus costumes, gestos, e abrindo a mente de quem assiste para uma diversidade maior de culturas. Outro ponto importante que é tocado, enquanto leitura iconográfica, é a temática que gira em torno de Eric (o príncipe) e Ariel, onde os valores são invertidos – no sentido em que é diferente do que vinha sendo (re)produzido - nos dois mundos: Eric é praticamente obrigado a encontrar uma noiva, mesmo contra sua vontade, enquanto Ariel tem a permissão do pai para se apaixonar por qualquer sereiano. Alcançamos então a leitura estética que realizamos onde percebemos a sensibilidade com o outro traz na expressividade dos personagens; a exemplo disso vemos o medo que os seres do mar tem dos humanos e como se sentem inferiores a eles.

Quadro 1 – A Pequena Sereia (1989)

Tipo de Leitura	Aplicação Escolar	Aplicação Domiciliar
-----------------	-------------------	----------------------

Gestáltica	É uma ferramenta para apresentar cores, formas, sentimentos, dimensões e promover o melhor uso dos materiais em sala de aula.	
Semiótica	Apontar esses momentos do filme é um exercício pedagógico que traz reflexão para a criança e para o adulto. Até onde vai a autonomia da criança e até onde é saudável a autoridade dos pais. A leitura dos comportamentos de Úrsula também traz momentos reflexivos pois auxiliam no reconhecimento de boas intenções ou não uma vez que a criança precisa aprender a discernir o bem do mau através das leituras corporais e visuais mais do que pelas falas e intenções dos personagens.	
Iconográfica	Pode-se trabalhar a diversidade de ambientes e as sensações que esses ambientes trazem para os infantis. Outra possibilidade é a de se trabalhar, através do visualizado neste filme os papéis de gênero e como é importante respeitar o lugar do outro.	Neste ambiente podemos trabalhar as formas como a criança se vê e se reconhece. Quais traços da personalidade dos personagens ficam mais evidentes quando a criança se imagina dentro do contexto do filme? Quais identificações ela consegue fazer entre ela e seu cotidiano com os demonstrados no filme?
Estética	Pode ser trabalhado as formas de vida e o respeito que se deve ter por cada uma. Tanto humanos quanto animais. Outra possibilidade é trazer os ecossistemas e relacionar com o ciclo da vida e a hierarquia da cadeia alimentar.	Pode-se promover o respeito dentro de casa com relação aos irmãos, aos pais, aos familiares, também trazer as noções de autovalorização em cada espaço que ocupa.

Fonte: Compilado do autor

5.2 Sua mãe sabe mais

Em Enrolados (2010) temos uma mudança brusca na forma de como as animações são exibidas e podemos perceber que com toda a explosão de informações que passam por animações gráficas, cruzam jogos de cores e luzes e entregam detalhismo preciso nas texturas e proporções – citando aqui o cabelo de Rapunzel – percebemos que a Disney manteve a fórmula padrão onde atrela sentimento e emoção às cores e cenas, porém, neste filme, essa nuance colorida está unicamente atrelada às sensações da protagonista, Rapunzel. Percebemos dois momentos no filme, observados em perspectiva semiótica, que mostram a diferença de tratamento entre Gothel/Rapunzel e Flynn/Rapunzel; Gothel tenta a todo custo inferiorizar, menosprezar e esconder as qualidades de Rapunzel, sua beleza e carisma, enquanto Flynn, a medida que se afeiçoa pela princesa, acaba por reforçar toda sua coragem, força, delicadeza e ímpetus; pudemos perceber também, ainda nesta perspectiva, que Flynn e Max se unem para ajudar Rapunzel a alcançar seu sonho e ao passo em que o filme decorre conseguimos perceber que Flynn e Max passam a se respeitar e trocam a tensão por afago.

Adentrando a leitura iconográfica absorvemos que o filme traz diversidade na forma de falar sobre família, pois desde o início tomamos conhecimento que Gothel não é a mãe de Rapunzel; o filme toca pontos importantes de diversas formas de família que

vemos baseados nos brutamontes do bar patinho fofinho – a união entre eles e o reconhecimento de seus valores - ou as famílias na cidade do reino onde Rapunzel nasceu e até no companheirismo entre Max e os outros cavalos da cavalaria real; por fim, a leitura estética nos apresenta personagens icônicos e fora do padrão de contos de fadas: os brutamontes e até o ladrão se mostram pessoas de bom coração, a bela e madura mulher é na verdade uma vilã sem escrúpulos e o cavalo é o personagem mais virtuoso do elenco.

Quadro 2 – Enrolados (2010)

Tipo de Leitura	Aplicação Escolar	Aplicação Domiciliar
Gestáltica	Pode-se trabalhar a percepção das emoções e as atrelar às cores promovendo um melhor entendimento e relação das emoções domiciliares e sociais.	
Semiótica	Ferramenta para trabalhar as diferenças sociais e a aceitação dos pontos altos e baixos dos colegas de turma.	No ambiente domiciliar é um bom momento para os pais refletirem que tipo de educação estão dando aos filhos, quais as características dos filhos são enaltecidas para assim chegar no processo de obediência, de demonstração de carinho e trocas de conhecimento.
Iconográfica	Apresentar de forma lúdica para os infantis as diversas formações familiares, a importância da amizade e convivência em sociedade.	
Estética	Direcionar a imaginação das crianças para as virtudes de Max, o bom coração de Flynn, a delicadeza e coragem de Rapunzel e o amor familiar do rei e da rainha que nunca desistiram de encontrar sua filha.	

Fonte: Compilado do autor

5.3 Quão longe eu vou

Em Moana (2016) a Disney quebra seus padrões e agora as cenas tem mais significados que vão além de suas cores e paisagens; numa análise gestáltica o filme se preocupa mais em apresentar o enredo, trazer o espectador para dentro do filme com texturas muito detalhadas e ambientes que fazem qualquer um se sentir nas ilhas da Polinésia Francesa, apresentando muitas vezes diálogos densos montados apenas com barco, mar e personagens. A película é cheia de simbologias, o que nos leva à leitura semiótica, como as tatuagens de Maui que contam sua trajetória de semideus ou o espírito de sua avó em forma de raia até a própria Tefiti que é apresentada como a ilha Mãe e ao mesmo tempo revelada como o vilão Teka; todos esses símbolos trazem a sensação de pertencimento a quem assiste ao filme.

Um elemento presente no filme, mas que por vezes não é trabalhado, é a forma como o filme aborda a despedida de entes queridos que se vão. Com a morte da avó, Moana sente mais ímpeto de seguir os conselhos que a falecida lhe deu e segue para alcançar seus sonhos. Por outro lado, percebemos também que Moana, apesar de ser

mulher, tem o direito de ser Chefe da ilha (característica atrelada apenas aos homens em diversas animações anteriores) e diferentemente de todos os seus antecessores, ela muda o andamento da ilha graças aos seus esforços e criatividade. A jornada do autoconhecimento também é um ponto a ser observado uma vez que Moana e Maui só conseguem desenvolver suas habilidades ao máximo (na navegação e uso de magia, respectivamente) através da jornada de autoaceitação e reconhecimento. A estética do filme Moana é surpreendentemente diferente uma vez que Moana não tem as características e formas de suas antecessoras - delicada e submissa às figuras dominantes – mas sim de uma mulher corajosa, que sabe o que quer e luta para se reconhecer e fazer o melhor para todos.

Quadro 3 – Moana (2016)

Tipo de Leitura	Aplicação Escolar	Aplicação Domiciliar
Gestáltica	Apresentar os perigos da desobediência e incentivar o espírito de liderança.	
Semiótica	Pode-se apresentar para os infantis que nem todas as boas intenções são as corretas. Apresentar diversidade de culturas e formas de governar sociedades.	Promover a reflexão do eu, direitos e deveres.
Iconográfica	Trazer ao olhar da criança que a morte não é algo para se temer, mas sim algo inerente à vida.	
Estética	Apresentar que todas as formas de ser são aceitas e normais. Abraçar a diversidade de cores, formas, tratamentos e culturas.	Refletir junto com a criança que a estética do corpo não precisa condizer com a personalidade. Que não existem corpos feios ou bonitos. Existe ambiguidade de caráter, apenas.

Fonte: Compilado do autor

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão a respeito das contribuições da Disney para a educação infantil é possível estabelecer uma relação de influência das animações no desenvolvimento pessoal, social e cultural das crianças através da leitura de imagem, se esta for explorada.

O mundo atual está muito rápido e emergencial e mesmo a agenda internacional abordando questões de gênero, respeito, cultura em suas produções, cabe aos educadores e familiares fomentar a imaginação crítica nas crianças para que estas possam absorver melhor os conteúdos abordados por esses filmes tão presente em seus cotidianos. As características observadas nos filmes, através da leitura de imagem, trazem à tona um

tema emergencial não tratado neste artigo: a importância da companhia de adultos durante o desbravamento de tecnologias e mídias.

O resultado desse envolvimento maior entre infantis e adultos gera um melhor reconhecimento e promoção à empatia uma vez que se dará atenção a estes e não apenas os colocar para ficarem quietos durante uma hora e meia em frente à televisão. Conclui-se então que os filmes de animação dos estúdios Disney tem influência durante o desenvolvimento da educação infantil, porém, faz-se necessário a presença de um responsável que direcione o olhar de quem assiste esses filmes para uma imaginação crítica.

7 REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Maria de Fátima P.; LUCAS, Antonia Picornell. **Experiencias mudiales de ciudadanía de la infância y adolescência**. Editora da UFPB, João Pessoa, 2018
- APPOLINÁRIO, Fernanda de Abreu; GONÇALVES, Fernanda C. N. I. **A representação do papel da mulher nas princesas Disney: uma análise sob a ótica feminista**. Boletim Historiar, Vol. 07, Set/Dez. 2020.
- BELL, Elizabeth; HAAS, Lynda, SELLS, Laura. **From Mouse to Mermaid: The politics of film, gender and culture**. Indiana University Press.1995
- BINKLEY, Madeleine. An Argument onDisney and Psychological Development. Undergraduate Research Journal, UCCS, 2016
- BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney**. 73 páginas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013
- CARLI, Ana M. Sehble; SANTOS, Karem R. S. dos Santos. Tanto vilão quanto herói: a estética do novo protagonista dos contos de fadas. **Revista GEARTE**, Universidade de Caxias do Sul, 2014
- CECHIN, M. B. C., & SILVA, T. da. **PRINCESAS EM DISCURSO: AS BONECAS PERSONAGENS DA DISNEY NA VISÃO DAS CRIANÇAS**. Reflexão E Ação, 23^a Edição, 2014
- COLLIER, D. **“I’m just trying to be tough, okay”**: Masculine performances of everyday practices. Journal of Early Education Literacy. 2015

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** Coleção Polêmicas do nosso tempo, Cortez Editora, 23ª Edição, 1989
- GALVANI, Maria Aparecida Magero. **Leitura da imagem:** resgatando a história e ampliando possibilidades. Educação & Realidade. Vol. 30, Rio Grande do Sul, 2005
- GIROUX, Henry A. **The Mouse that roared:** Disney and the end of Innocence. Rowman & Littlefield Publishers, INC. Nova York. 1999
- _____. **Stealing of Childhood Innocence** – Disney and the politics of casino capitalism: a tribute to Joe Kincheloe. 2018
- KESTERING, Virginia Therezinha. **Da princesa em perigo ao príncipe descartado** – o amor romântico nos filmes de princesa da Disney. 146 páginas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017
- LOPES, Rita de Cássia Soares. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem.** 2018
- PEDROSA, Leticia Porto. **Socialización de la infancia em películas de Disney/Pixar y Dreamworks/PDI** – Análisis de modelos sociales em la animación. 20 páginas. Facultad Ciencias de la Información. Departamento Sociología VI, Universidade Complutense de Madrid, España, 2010
- PELÁEZ, Delicia Aguado; GARCÍA, Patricia Martínez. **¿Se há vuelto Disney feminista? U nuevo modelo de princesas empoderadas.** Área aberta, Vol. 15 nº 2, 2015
- PILLAR, Alaice Dutra. **A leitura de imagem.** 1993
- SILVA, Josie A. Parrilha; NEVES, Marcos C. Danhoni. **Leitura de imagem:** reflexões e possibilidades teórico-práticas. Campo Grande, 2016
- SILVA, Maria Carolina da. **A Infância no currículo de filmes de animação:** poder, governo e subjetivação dos/as infantis. 62 páginas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008
- TENREIRO-VIEIRA, C. **O pensamento crítico na Educação científica.** Lisboa, Instituto Piaget, 2004.
- TENREIRO-VIEIRA, C; VIEIRA, R. M. **Promover o pensamento Crítico dos alunos** - Propostas concretas para a sala de aula. Porto, Editora Porto, 2000.
- WOHLWEND, K. E. **“Are you guys girls?”:** Boys, identity texts and Disney princess play. Journal of Early childhood Literacy, 2012

ITALO LUIS MAXIMIANO DA SILVA

LEITURA DE IMAGEM NA INFÂNCIA: contribuições das animações Disney para a educação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 23/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Natália Oliveira Melo (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Adma Soares Bezerra (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco